

Josemar Gonçalves - 22/7/98

Armando Favaro - 24/7/98



Carlos Pacheco (E) considera "ingênuas" as medidas contidas no programa do PT para enfrentar a crise social e Marco Aurélio prevê "um baita choque" na economia após eleições, se Fernando Henrique vencer

FH e Lula têm programas semelhantes

■ Presidente e candidato da frente de oposições disputam apoio dos eleitores propondo caminhos opostos para os mesmos objetivos

GEORGE ALONSO

SÃO PAULO - Os programas do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e do candidato da frente de oposições, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mostram que não há grandes diferenças entre as promessas dos dois primeiros colocados nas intenções de voto para o Palácio do Planalto. Embora não haja divergências nas soluções que ambos apresentam para os problemas do país, na prática a questão é outra. Fernando Henrique e Lula propõem caminhos opostos para atingir os mesmos objetivos.

"O programa do PT está cada vez mais parecido com o do PSDB. O PT quer ser confiável. Quer combater a desigualdade social e, ao mesmo tempo, ser confiável ao capital externo e manter a estabilidade da moeda, item que a sociedade espera", diz Ligia Osório, historiadora econômica da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O PSDB, por sua vez, já se afastou, e muito, da social-democracia, assinala Lígia. Agora acena com um enfoque social para o Plano Real, que em 1994 garantiu o primeiro mandato de Fernando Henrique.

Segundo a professora, Fernando Henrique, ao ver sua imagem abalada pelo desemprego e pela recessão, adotou como estratégia da reeleição o combate às mazelas sociais, muitas produzidas pelo plano que o levou ao poder. E aí se aproxima do adversário. Fernando Henrique e Lula travam uma disputa para ver quem se mostra mais afinado com as necessidades momentâneas do eleitor.

O sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, também da Unicamp, faz prognósticos sobre o desfecho da disputa. "Um triunfo de Fernando Henrique representará a continuidade da atual política, com uma pequena abertura para a área social, retraining de mão-de-obra e a adoção de medidas ligeiramente protecionistas para defender setores industriais

muito fragilizados hoje", diz. A comunidade internacional, acrescenta, ficará mais tranqüila e estimulada a novas inversões de capital.

Se Lula vencer, prevê Rodrigues, haverá inicialmente um impulso inovador, com tentativas de implantar metas de seu programa, que, no entanto, esbarrarão no que chama de "choque de realidade". Lula deixaria de lado algumas reformas, como a da Previdência, a administrativa e a da legislação trabalhista, mas não teria como mexer nas privatizações. "Faria um simulacro de auditorias", diz.

No segundo momento de um governo Lula, acredita Rodrigues, haveria conflito entre os petistas que sabem que não dá para voltar atrás e a ala radical. Na avaliação do sociólogo, o PT não teria como mudar muito os rumos da economia, diante das conjunturas interna e externa.

O historiador Marco Aurélio Garcia, coordenador da plataforma de governo petista, rebate: "Vamos fazer mudanças de prioridades. O di-

neiro das privatizações é uma aspirina para quem tem um câncer. A dívida interna era de R\$ 80 bilhões e já está acima dos R\$ 200 bilhões. Temos um rombo na canoa e tiram água com colher".

Garcia diz que, se Fernando Henrique vencer, logo após a eleição haverá "um baita choque" na economia, semelhante ao pacote baixado em outubro de 1997, após o agravamento da crise financeira da Ásia. "O caos que eles dizem que virá com Lula, pode vir em dez dias", afirma.

Mas o próprio Garcia admite que as metas anunciadas pelo PT "são para quatro anos e estão condicionadas a um crescimento econômico, pequeno, mas maior do que o que temos hoje".

Segundo coordenador do programa de Lula, os primeiros atos do governo petista serão medidas emergenciais de combate ao desemprego, como redução da jornada de trabalho em estatais e incentivo ao primeiro emprego dos jovens. "Certamente não vamos usar dinheiro do

BNDES para emprestar aos compradores de estatais", alfineta.

Entre as promessas de Fernando Henrique e Lula que se assemelham estão a bolsa-escola, programa destinado a jovens que entram no mercado de trabalho, e mais investimentos na saúde. O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, porém, já avisou: não há verbas para atender o social. Levou um pito.

"Em nível federal é proibido falar em gastos. Agora desproibiram um pouco, por causa da eleição", observa o economista Rinaldo Barcia Fonseca, vice-diretor do Instituto de Economia da Unicamp, universidade que é a matriz institucional dos dois coordenadores das plataformas rivais. De um lado, o ex-comunista Carlos Américo Pacheco, 41 anos, homem de confiança do ministro da Educação, Paulo Renato Souza. De outro, Marco Aurélio Garcia, que se diz social-democrata.

"A estabilização obtida não permite políticas generosas", diz Rinal-

do Fonseca. Ainda não foi descoberta uma mágica que reduza os juros e mantenha os capitais externos que financiam a balança de pagamentos do país. As taxas de juros, cavalares, comem o orçamento".

Para Fonseca, o assessor da campanha Fernando Henrique foi imprudente, ao classificar o programa do PT de "ingênuo" e "voluntarista". "Também diziam que a bolsa-escola não daria certo. Hoje o governo elogia", cobra.

Amigo do presidente, Leôncio Rodrigues diz, por sua vez, que as propostas da social-democracia que o PT defende estão em extinção na Europa. "O socialista Lionel Jospin está vendendo a Air France", lembra.

Rodrigues constata que "os partidos não convencem ninguém ideologicamente e as eleições não têm mais função pedagógica". Para o sociólogo, o que importa é qual candidato aparenta maior eficiência. "Todo mundo sabe que as metas só serão parcialmente cumpridas", diz.